

Charlotte de Castelnau L’Estoile, *Páscoa e seus dois maridos: um romance inspirado na história real de Páscoa Vieira, uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal*, Lisboa, Edições ASA II S.A., 2022, 255 p. ISBN: 978-989-23-5424-8.

Publicado pela primeira vez em 2019, na França, o livro *Páscoa e seus dois maridos: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal* chegou a Portugal em maio de 2022, por iniciativa da Edições ASA II S.A., uma das editoras do Grupo Leya. Escrita pela historiadora e professora de História Moderna na Universidade de Paris, Charlotte de Castelnau L’Estoile, e premiada em 2020 com o *Prix Lycéen du Livre d’Histoire*, a obra trata da história de Páscoa Vieira, mulher negra acusada de bigamia e julgada pelo tribunal do Santo Ofício no final do ano de 1700. Numa abordagem micro-histórica, Castelnau reconstrói não só a prisão e o julgamento, mas também a vida de Páscoa, utilizando as experiências dessa personagem histórica para tratar de temas historiográficos variados, especialmente no que diz respeito à escravatura e algumas das suas diversas nuances.

Interessada na História do Brasil, disciplina que leciona na Université Sorbonne, Charlotte de Castelnau L’Estoile formou-se na École Normale Supérieure e na Universidade de Cambridge e doutorou-se, com uma tese sobre o projeto da Companhia de Jesus no Brasil colônia, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). *Páscoa e seus dois maridos*, dividida em oito capítulos, mais prólogo, introdução, epílogo e alguns mapas, transformou-se numa obra de referência do seu trabalho.

O livro abre com um mapa, que, ao delimitar as fronteiras da presença portuguesa no Atlântico e caracterizar o território como um espaço católico, acaba servindo como um primeiro vislumbre do objetivo da obra. Afinal, ao contar a história de Páscoa, a autora conta, também, a história do espaço atlântico e da sua conexão religiosa. Já o pequeno prólogo que se segue é completamente focado em Páscoa Vieira e no processo analisado pela historiadora. Castelnau começa a história com a transcrição da apresentação de Páscoa perante os inquisidores, apresentando-a, também, aos leitores, por meio das suas próprias palavras, assim ressaltando o valor da voz desta mulher, ouvida depois de sete anos e sessenta e seis fólios de inquéritos sobre sua vida conjugal.

A voz de Páscoa também é assunto destacado na introdução, e os objetivos da autora são esclarecidos nesta parte. A historiadora deseja, sim, apresentar a vida de Páscoa, e, principalmente, fazer ouvir a voz de uma mulher duplamente escravizada que, apesar de subalternizada e de encaixar-se num estereótipo de

pessoa dominada, desafiou o destino que lhe tinha sido imposto. Por outro lado, as reflexões mais globais, sobre a escravatura, o catolicismo e a Inquisição, são tão importantes para o trabalho de Castelnau quanto Páscoa Vieira. Como em toda boa análise micro-histórica, a autora usa a vida de Páscoa para recriar o contexto histórico com que trabalha, apesar de, por vezes, pecar um pouco nas generalizações que faz do período estudado a partir da vida de Páscoa.

Ao final da introdução, foi incluído um outro mapa, que marca as circulações atlânticas ligadas ao processo de Páscoa. Isso porque esta, natural de Massangano, em Angola, foi vendida e traficada para Salvador da Bahia, no Brasil, sendo julgada, anos depois, pela Inquisição de Lisboa. Com esse mapa, Castelnau faz lembrar uma outra vertente importante de seu trabalho, muito inspirado pelas correntes da História Global e Transnacional. A movimentação de Páscoa Vieira pelo Atlântico também é objeto de estudo da autora e, portanto, antes de começar a análise do processo, ela contextualiza os leitores em relação à geografia. Vale comentar que o livro também é muito enriquecido pelos trechos de transcrições do processo, que não só contêm imenso valor histórico, como ajudam o leitor a imergir no universo de Páscoa Vieira.

Ao longo do livro, Castelnau constrói uma narrativa baseada na própria composição do processo aberto contra Páscoa, introduzindo os assuntos relativos a uma historiografia mais geral por meio de subcapítulos. Assim sendo, a autora aproveita-se da denúncia para tratar do medo que as pessoas sentiam da Inquisição e para contar um pouco da história dessa instituição em Portugal e no Brasil. Por fim, os holofotes se voltam para a escravatura, pois as questões da conversão dos escravizados ao catolicismo, geralmente forçada e insuficiente em termos doutrinários, e de sua posição social como fiéis e escravizados, encontram-se no centro da análise historiográfica de processos como o de Páscoa.

O segundo capítulo da obra, mais focado na análise do processo, como é o caso de quase todos os seguintes, introduz o assunto que virá a nortear os próximos três capítulos. A partir daqui, a dimensão transnacional da História, tanto no caso da vida de Páscoa, quanto no caso da atuação do Santo Ofício no império português, fica mais evidente, apoiada pela análise minuciosa dos testemunhos recolhidos em Angola e no Brasil. O ponto central do segundo capítulo é, precisamente, a relação, marcada pela desigualdade e pela agressividade, entre Angola e Brasil, estabelecida por meio da religião e, principalmente, do tráfico transatlântico de escravizados.

O terceiro e o quarto capítulos seguem em Angola, investigando a história e a legitimidade do casamento de Páscoa com seu primeiro marido, o escravizado Aleixo. Este quarto capítulo é, na minha opinião, um dos mais interessantes e

completos capítulos de *Páscoa e seus dois maridos*, pois dá vida à personagem para além da tragédia do tráfico transatlântico de escravizados. Nesta parte, a autora, ainda utilizando os testemunhos recolhidos pelo Santo Ofício, reconstrói a vida que Páscoa viveu antes de ser levada para o Brasil e ter de refazer sua própria vida, tecendo também reflexões sobre a sociedade luso-africana da época, sobre a História Local de Massangano, sobre a escravidão naquele território e, é claro, sobre o tráfico, de que Páscoa foi uma dentre os mais de dois milhões de vítimas.

O capítulo 5, igualmente interessante, é dedicado a Pedro Arda, o segundo marido de Páscoa. Se o capítulo anterior menciona os percalços que Páscoa enfrentou em seu casamento com Aleixo, este trata da luta de Pedro e Páscoa para ficarem juntos, da capacidade de ação que tinham sobre suas vidas e destinos e dos direitos que ambos tinham, apesar de escravizados, como católicos que firmaram o sacramento do matrimónio perante a Igreja. Aqui, a autora continua a refletir sobre as relações de Páscoa, sobre o quotidiano dos escravizados, sobre a ligação entre a África portuguesa e o Brasil e sobre o cenário eclesiástico colonial, que, na minha opinião, poderia ser mais densamente explorado ao longo da obra, sobretudo no que diz respeito à colaboração entre os poderes episcopal e inquisitorial no império português. Contudo, entendo que a proposta do livro é outra.

No sexto capítulo, Castelnau nos conta que Páscoa foi presa e levada para os cárceres da Inquisição de Lisboa. Neste, que é outro dentre os melhores e mais fortes capítulos da obra, Páscoa dá a sua própria versão dos factos, sem se deixar intimidar pelos inquisidores, provando-nos que ela se recusou a reduzir-se perante seus algozes. Entretanto, antes de selar o destino de Páscoa e encerrar o livro, a autora permite-nos algum respiro. Trata, no sétimo e penúltimo capítulo, de um contexto mais amplo, como ela própria define, e dedica-se a explicar ao leitor os pormenores teológicos e práticos dos casamentos entre escravizados. O assunto ainda não recebeu a devida atenção historiográfica, o que deixou o capítulo mais instigante. Uma vez que o leitor já leu a história de Páscoa, pode agora fazer, junto com a autora, o estimulante exercício de encaixar esta história específica numa história geral.

Páscoa e seus dois maridos é uma obra interessante, bem escrita e de bastante relevância historiográfica. A metodologia adotada na produção do livro, em que a autora elabora uma análise micro-histórica e minuciosa do processo de Páscoa com pitadas de História Global e Transnacional, faz parte de uma tendência historiográfica em ascensão e bastante útil, para além de atrativa ao historiador e ao leitor, e as contribuições da obra para a História da Escravatura e para as Histórias do Brasil e de Angola são imensuráveis. Entretanto, produzir

Micro-História, e, mais ainda, encaixá-la na História Global, é um desafio e tanto, e a autora por pouco não tirou a proposta de letra. Caiu, vez ou outra, na armadilha das generalizações, um perigo para quem escreve Micro-História e de que nenhum historiador está isento. Mas a qualidade da obra mantém-se. Afinal, acredito que a historiadora só enfrentou tal dificuldade porque tem em mãos um caso extraordinário, e conseguiu fazer jus a ele.

Fazer ouvir a voz de Páscoa, especialmente em uma obra que honra sua capacidade de agência e o contexto histórico em que ela esteve inserida, foi um grande acerto por parte de Charlotte de Castelnuovo. Afinal, como já sabemos muito bem, graças aos contributos historiográficos “vindos de baixo”, a História também pode ser feita de pessoas comuns que deixaram rastros fantásticos, e, se Páscoa deixou um desses rastros, é indispensável a leitura da obra que o segue.

Júlia Resende De Paoli

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

julia.depaoli.uni@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-1064-6941>